

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

ENTREVISTA COM ROBERTO BERNHARD DISSE

Entrevista concedida ao Projeto
"Universidade Regional de
Blumenau e sua História", em
10/06/99.

Entrevistadores: Balbino S. Rocha
Andréia Ferretti
Clarice Ehmke

BLUMENAU
1999

R.B.D.: Roberto Bernhard Disse

B.S.R.: Balbino Simor Rocha

A .F.: Andréia Ferretti

C.E. Clarice Ehmke

R.B.D.: Bom meu nome é Roberto Bernhard Disse, na realidade eu vim pra Universidade até por um fato muito curioso. Tínhamos um vizinho de frente de casa que era o professor Ignácio Ricken, então Reitor da FURB na época, e a sua esposa Dna Elizabeth, era professora aqui do Laboratório de Línguas nas disciplinas em língua Alemã, então já existia uma certa afinidade com a FURB, e tem um outro fato que me liga também um pouco com a Universidade, o meu tio, Hans Jürgen Heidrich Disse, também tinha sido funcionário da FURB, trabalhando na então Seção de Contabilidade, junto com o Prof. Glauco Beduschi , trabalhou de 1970 a 1977, trabalhando 7 anos aqui na FURB. E o que me trouxe a FURB é que eu vim fazer um curso de Inglês, pois na época eu estava meio ruim no 2. grau na disciplina de Inglês, eu estava na época com 16 anos, e seguindo uma indicação do Prof. Ricken, resolvi estudar aqui no Laboratório de Línguas da Furb, que era então no 2. andar do Bloco B. Estudei um semestre e pouco e em determinado dia, na época, as aulas de inglês utilizavam o método audiovisual, com gravador de fita aberta (rolo) e com um projetor de Diapositivos, a minha professora era a Tanja Viviane Vandressen Willerding, que naquele dia estava com dificuldades em operar aquela fita da aula, porque o som estava muito ruim, e eu como era o aluno que estava bem na sua frente, eu falei a professora que o problema desse gravador era que ele devia estar com as cabeças de leitura sujas, e que o problema não era da fita, mas apenas do gravador, e que apenas uma limpeza resolveria o problema. No que ela então me perguntou se eu entendia disso, o que eu respondi que sim, pois meu Pai tinha um equipamento similar. Onde foi que ela me convidou a conhecer o Laboratório de Línguas e me perguntou se eu não queria trabalhar

com eles, pois o operador do Laboratório já tinha saído fazia 2 meses e não estavam achando ninguém para substituí-lo. Como eu estava justamente na época procurando emprego, e estudava a tarde no Conjunto Educacional Pedro II, fazendo o 2º ano do Científico, eu aceitei o emprego, a única coisa ruim, vamos dizer assim, era que eu trabalhava das sete e meia às onze e meia da manhã e das dez às vinte e duas, à noite, portanto, eu pegava o turno da manhã quando o Laboratório de Línguas trabalhava com os cursos de Letras e à noite com os Cursos Extra-Curriculares, iniciando assim as minhas atividades na Furb, no dia 06 de julho de 1978. Entrei aqui como Operador de Laboratório, o salário na época era um pouquinho mais que o salário mínimo da época, o que já deu para trocar a minha bicicleta por uma moto “Cinquentinha”. No Laboratório de Línguas trabalhei com um equipamento muito bom, pois a Furb tinha comprado em 1974 tudo novo, era tudo da SONY, só que tinham passado uns operadores muito fáceis (ruins), o que deteriorou esse conjunto de equipamentos, no que eu comecei a fazer pequenos consertos e ajustes, onde surgiu minha primeira oportunidade de crescimento, pois na época o Laboratório de Línguas era coordenado pelo professor Luiz Carlos Schmitz, que foi o idealizador do Laboratório de Línguas na Furb, pois trouxe essa idéia de Minas onde conheceu esta tecnologia, e montou toda essa estrutura que existe inclusive até hoje, pode-se dizer que o Luiz é o Pai dos cursos de Línguas na Furb. O Diretor então me sugeriu que eu fosse a São Paulo na SONY do Brasil, fazer um treinamento de Manutenção Preventiva destes equipamentos, o que acabou por se realizar em julho de 1979, onde fui a São Paulo e fiquei um mês dentro da fábrica da SONY fazendo o curso de Técnico de Manutenção Preventiva de equipamentos de áudio da SONY. Aquele curso foi muito marcante para mim, pois além de aprender todas as rotinas de manutenção preventiva de equipamentos, o pessoal daquela fábrica só falava em duas línguas, o Inglês e o Japonês, e não falavam português. Eu que não falava Japonês e só um pouco de Inglês, tava numa furada, na realidade, eu aprendi mais Inglês naquele mês que eu trabalhei lá, do que todos aqueles cursos e anos que eu

trabalhei no Laboratório de Línguas, resumindo, foi um aprendizado da língua inclusive que eu aprendi na marra. Os japoneses tem uma filosofia de não falar nada, eles só respondem as perguntas que lhe são feitas, quer dizer que eu tinha que ficar sentado lá e perguntar, não era um curso teórico, era um curso prático de manutenção, nós pegávamos aqueles aparelhos, desmontávamos e eu ía perguntando, quando tinha uma duvida mais complexa, eles me davam o Manual pra eu ler, que era também em inglês, quer dizer foi um curso meio traumático, mas foi uma baita escola de vida. Quando voltei para a Furb, fiz um reforma geral de nossos equipamentos e com isso ganhei a minha primeira promoção, fui promovido a Técnico de Manutenção Eletrônica e com isso passei a dar manutenção em mais da metade dos gravadores do pessoal aqui da Furb, porque aí todo mundo sabia que eu conservava e acabava sendo o Beto vem aqui e dá um olhada no meu toca-fitas do carro. Outra coisa interessante que me aconteceu nessa época foi que na última semana em São Paulo, o pessoal da SONY, onde inclusive o Diretor daquela unidade era um conterrâneo aqui de Rio do Sul, Sr. João Carlos Peters, nunca esqueci desse nome, ele me convidou para conhecer a Divisão de Vídeo, que era a Videobrás, onde ele me mostrou toda a produção em vídeo. Já existia a técnica de ensino utilizando o vídeo na época, mas não era videocassete ainda, era o videoteipe, era de fita aberta, chamavam de “Open-Rolls”, e isso tudo me deixou fascinado, trouxe na minha volta literaturas, folhetos, que posteriormente montei em conjunto com a professora Tanja Wilerding o primeiro projeto de uma produtora de vídeo na Furb, isso no ano de 1979, já era então na gestão do professor José Tafner. O professor José Tafner que tinha uma outra visão da universidade, achava que não era a hora de se montar tal projeto e que realmente o investimento era muito alto para a época, pois ficava em torno de uns duzentos mil dólares e ele não queria assumir essa dívida onde esse projeto foi engavetado. Nessa época mudou a Coordenação do Laboratório de Línguas, assumindo então a Professora Yolanda Soares Tridapalli, que acabou sendo minha chefe por mais 2 anos.

No final do ano de 1980, aconteceu um outro fato interessante na FURB, o Diretório Central dos Estudantes era muito atuante na época, além de outras coisas, organizavam os Festivais da Canção, lá na Proeb e no Galeão. E onde hoje é a nossa Cantina, aquela Cantina de madeira na realidade nunca foi da Furb, e nem foi construída pela Furb, era dos alunos, foi construída com um movimento estudantil para construir a sua sede própria, antigamente a parte da frente era a lanchonete, e na parte de traz eram os 5 Diretórios Acadêmicos que existiam na época, com uma Secretaria e no lado, naquela parte que tinha dois andares, era o Clube de Xadrez, que nas noites de Sexta-Feiras e nos Sábados era convertido na “Boate do DCE ou da FURB”. Isso numa época em que em Blumenau só existia a Hum-Pá-Pá, que ficava no Grande Hotel Blumenau, lá no começo da XV, então a da FURB era o maior agito na época.

Com um detalhe, a cerveja era liberada na FURB até o começo da gestão do Prof. Tafner. Até esta época a Cantina era terceirizada pela administração do DCE, mas na gestão do Presidente Ingomar Brandes, hoje nosso professor, na época ele era aluno do Curso de Letras, quando a gestão dele assumiu a presidência do DCE, eles resolveram cancelar o contrato de locação com o arrendatário da Cantina e eles mesmo passaram a operar os serviços de Cantina da FURB, não dá para imaginar hoje a confusão que isso deu, pois todo dia a noite trocava o operador do caixa, isso causou tanta confusão e como nem o DCE, nem a Cantina tinha uma empresa constituída, com Razão Social própria, as contas começaram a bater na FURB, porque os alunos daquela Gestão do DCE faziam os pedidos de mercadorias, e colocavam no pedido os dados da FURB e as contas começaram aparecer e o Prof. Tafner rodou a baiana, alegando que estava tudo errado retirou o DCE do controle da Cantina assumindo assim a FURB a administração da Cantina até o término do ano de 1980.

B.S.R.: Você sabe que tem um documento do presidente do DCE pedindo pra universidade tomar de volta? É pra universidade tomar devolta por causa das dívidas que o DCE tinha

assumido e não tinha condições de saudar, então a Furb saudaria as dívidas e ficaria com a Cantina.

R.B.D.: Isso aconteceu em meados de Novembro, daí o Prof. Tafner tirou o DCE do comando da Cantina, e a FURB assumiu os trabalhos na Cantina com trabalho voluntário de servidores da própria FURB, foram serventes, pessoal da contabilidade, do financeiro, a equipe da FURB não era uma turma muito grande, éramos duzentos e pouco funcionários e todos colaboravam, trabalhando em turnos de 4 horas para terminar o ano acadêmico no início de Dezembro. E com trabalho meio voluntário, todos fomos lá e ajudamos a terminar aquele ano.

Em janeiro de 1981, no finalzinho do mês, naquele ano eu estava com intenções de noivar, estava namorando firme a três anos e eu tinha ido um tempo antes falar com o professor Tafner se não tinha jeito dele me dar uma promoção, porque naquela época só se crescia por promoção não existia plano de carreira, era mais ou menos por QI mesmo e eu disse que eu tinha condições de fazer outras coisas e que eu procuraria um outro setor dentro da universidade, mais eu estava com vontade de me casar nos próximos anos. É interessante isso, já fazem 20anos mais, mudou um pouco esse conceito, aí o professor Tafner me fez uma contra proposta, me lembro como hoje...

B.S.R.: Qual o conceito que mudou ?

R.B.D.: É naquela época a gente procurava um bom emprego, um bom salário se preparar financeiramente, pra daí depois casar e hoje se casa primeiro se estrepa e daí se vai atras. Então isso se inverteu um pouco, na época primeiro procurava-se fazer uma base, aí o professor Tafner, me lembro como hoje, eu ganhava na época assim não me lembro como era o nominativo, era cruzeiros ou cruzados, eu recebia alguma coisa de oito e oitocentos e ele me fez a proposta pra administrar a cantina, chamava cantina na época, por vinte e dois. A daí o cifrão bateu no olho que foi uma loucura, o meu salário quase triplicou na realidade eu pedi vinte e quatro ele reduziu por vinte e dois e eu disse tá bom assumo!. E a partir do dia 02 de

fevereiro de 1981 eu assumi a Cantina da universidade que foi chamada, de Setor Restaurante da Universidade, o R.U, que daí deixou de ser cantina e passou a R.U, como chefe do R.U. com portaria bonitinha e tudo mais . E ai ele me deu plena autonomia eu era subordinado diretamente a divisão de finanças ao João Chiochet, o “João Cifrão”, ele era o nosso homem das finanças popularmente conhecido com “João Cifrão”. Eu gostava muito dele, tinha gente que o odiava, mas era um cara fantástico, hoje já falecido. O “João Cifrão” me falou assim: “ô Roberto tá aqui a cantina, agora tu vais ter que montar toda estrutura e nós vamos abrir no dia vinte e pouco de fevereiro”, eu sei que era um ou dois dias depois do meu aniversário, faço aniversário 25 de fevereiro acho que era o dia vinte sete de fevereiro que nós abrimos, quando começaram as aulas. Aí eu olhei pra dentro daquela cantina, era aquela sujeira terrível, e pensei: “meu Deus o que eu vou fazer?”, Não sabia nem fritar um ovo, não sabia muito de controle de finanças, não entendia da operação das caixas, nunca tinha feito nada nesta área, Mas vamos encarar. Posso montar uma equipe? Pode montar o que tu quiser, tens plenos poderes. Ai foi um desafio, aí eu comecei a recrutar algumas das serventes, que eram serventes que já tinham ajudado em Dezembro anterior e por uma felicidade tinha uma que eu não me recordo o nome, mas o sobrenome dela era Schroeder, na realidade era mãe de um professor nosso aqui da Furb. Eu a contratei pela experiência que ela tinha de lanchonete, ela era chefe das serventes, das atendentes nós chamamos de atendentes, então ela era minha chefe dos atendentes, na realidade ela foi meu braço direito, devo muito a ela. Então ela me ajudou a recrutar as mulheres, nós montamos duas equipes de 6 mulheres, a turma da manhã e a turma da tarde. Abríamos as seis da manhã e tocávamos até a uma hora e a uma hora entrava o segundo time e ia até as vinte e duas horas, isso de Segunda a Sexta e Sábado nós tocávamos até as treze horas. Após montarmos a equipe de atendentes, eu trouxe um faz tudo, que era o Paulinho guarda, era Paulo Cândido de Oliveira se não me engano. Hoje já aposentado da Furb, era um senhor de cor, adorava o Paulinho, ele também tinha uma história interessante,

acho que é interessante resgatar essa história, ele foi um dos pedreiros que construíram os Blocos D, E e o F, da Furb, trabalhou na equipe de construção e quando ficaram prontos ele quis trabalhar na Furb como guarda e todo mundo acabou gostando muito dele. Como eu gostava muito dele, ele acabou sendo o meu responsável pela cozinha e pelo atendimento, na verdade ele fazia a coisa andar. Aí eu peguei mais dois funcionários, pois eu precisava de mais dois operadores de Caixas, onde até hoje o Artur Spengler tem uma mágoa comigo, porque na época o Artur era o chefe da seção de reprografia, não era reprografia, era seção de imprensa, porque na Furb não se tinha máquina de xerox, os professores reproduziam as provas e textos de aula em mimeógrafos de álcool, e isso era rodado numa seção que ficava inicialmente aqui no bloco Z, onde hoje é o banco e a divisão de finanças, depois ela foi p/ o segundo andar do mesmo bloco, no corredor bem no final do bloco Z, eu não sei mais a numeração, mas era do lado do Audiovisual, depois eu vou falar deste Setor. O Artur era o chefe da Imprensa, e eu me lembro que ele tinha dois auxiliares, o Darci Pandini e o Marinho, que cobriam os três turnos do Setor, eu gostava muito desses dois rapazes e eu convenci o professor Tafner e o professor João a recrutar esses dois rapazes. Uma que o Darci Pandini era filho de dono de bar, e tinha experiência e o Marinho também já teve um bar na vida, então recrutei os dois como Operador de Caixa, pra trabalhar comigo. E um pouco mais adiante, contratamos uma secretária, a Silvana Schmitz. Com essa equipe, no dia 27 de fevereiro nós abrimos o nosso Restaurante Universitário, foi um sucesso, uma coisa digamos assim, fantástica, foi uma experiência de vida, talvez a minha melhor experiência de vida que eu tive, porque aconteceram alguns fatos interessantes e engraçadas no R.U. Eu trabalhei somente um ano lá, posso até contar algumas delas: Uma delas, nós compramos bandejas, porque iríamos servir refeições aí eu quis sofisticar comprando talheres de inox, eu comprei açucareiros de vidro com tampa de inox, guardanapeiros de inox, deixando tudo num brinco, tudo bonitinho. Bom os açucareiros eu me recordo como hoje, eu comprei 24, nós abrimos numa Segunda-feira na Terça de manhã não

tinha mais nem um, no dia seguinte já foi pra aquele açucareiro de plástico, aquele comum, porque aquele de vidro não dava conta de comprar. Talheres era uma coisa que nós não dávamos conta também, nós comprávamos em caixas de 100, porque eu nunca vi sumir tanto, o copinho, aquele copinho de café duplo, era uma loucura, nós comprávamos em caixas de 1000, e sumia tudo. Os porta guardanapos de inóx...

B.S.R.: Mas era um bando de ladrões que estudavam aqui?

R.B.D.: Não, na realidade isso era uma coisa bem comum que acontecia por aqui, nós fomos descobrir isso com o passar dos anos e talvez ainda exista, mas acredito que não seja tão...É porque mudou um pouco esse conceito. É que na época o estudante que vinha de fora não morava em apartamento ou kitinet, eles moravam em republicas, e a FURB “mobiliava” as republicas de todo mundo aqui, assim sumia até as lâmpadas dos banheiros, fechaduras de portas, até as cortinas, cortinas ainda sumiam até pouco tempo. Mas todas as repúblicas até pouco tempo eram mobiliadas pela Furb, e isso ia desde o papel higiênico, rrsrrsrrs. Tinha até uma lógica, claro, os caras vinham de fora, com dinheiro curto, gastavam o dinheiro em outras coisas provavelmente. (Risos). Outro fato curiosos que me lembro, nós tínhamos duas maquinas registradoras antigas, eram duas Roodbell, aquelas máquinas bem antigas, com tecla grande e manivela de acionamento (quando faltava energia). Aquelas máquinas, eram uma loucura, elas só mostravam o subtotal, não davam o total da compra. E dai o cliente dava uma nota de dinheiro de valor alto, e tínhamos que dar o troco, mas para dar o troco tinha se que abrir o caixa e quando se abria o caixa, a gaveta abria e já dava o total da compra. Dai se o cliente pede mais uma carteira de cigarro, e gente não tinha mais como fechar aquela operação. O Caixa do período não fechava nunca, sempre dava falta de caixa ou excesso de caixa, mas nunca batia a Fita (Resumo do Caixa) com o que tinha no Caixa. Eu e o seu João quase ficamos loucos por uns 2 meses pois não sabíamos mais o que fazer para resolver este problema de fechamento de Caixa. Ai saímos, eu e o seu João pra ver o que tinha de novidades no comercio

para ajudarmos a achar uma solução de controlar isso. Bem naquela época o Supermercado Pfuetzenreuter tinha comprado umas Caixas Registradoras Eletrônicas da SWEDEN, eram caixas registradoras eletrônicas fabricadas na Suécia, aquilo foi um sucesso, Daí nós compramos duas máquinas daquelas, vinha até com, No-breacke, eram muito boas, elas tinha doze departamentos, ou memórias, isso era a coisa fantástica para a época, pois se cadastrava os itens por departamento, então, se vendia refrigerante, e digitava o departamento 1, se vendia uma cerveja digitava no departamento 2s, cigarro departamento 3, lanche frio, lanche quente enfim, dava para departamentalizar os produtos, ou vendas, e quando se fechava o Caixa do período, dava para saber exatamente o que e quanto foi vendido de cada produto. E ai nós descobrimos e que é um fato engraçado, é que onde nós mais ganhávamos dinheiro era na venda da cerveja. O pessoal da época empurrava bem, (risos), não vendíamos cerveja em lata, era tudo garrafa de 600 ML. Vendíamos um caminhão de cerveja por semana, nós chegamos a ter 240 engradados de cerveja em nosso depósito. Nós tínhamos dois bolsistas só pra repor cerveja nos freezers, a turma empurrava bem! (risos). Não existiam bares como existem hoje aqui perto da FURB, e como o nosso tinha até música ao vivo, vinha o diabo, era terrível, mas também era divertido, era muito bom!

B.S.R.: E porque o ambiente era bom, eram alunos, alguns professores talvez e funcionários, então um ambiente muito bom de convivência.

R.B.D.: Esse foi de fato um tempo muito bom, mas depois eu vou voltar a falar da bebida.....

O que nos começou a preocupar foram as refeições, (os almoços), pois na época cozinávamos tudo mesmo, e tínhamos 160 bandejas que limitava em 160 almoços que podíamos vender, mas o movimento aumentava de tal forma que estávamos vendendo mais de 300 bandejas de refeições ligeirinho e ai deu problema, não tínhamos capacidade de produzir mais, pois a nossa cozinha era muito limitada para isso, e até o pessoal que não era estudante, mas que trabalhava nas redondezas, passaram a vir almoçar aqui em nosso R.U. . E ai tivemos a feliz ou talvez

infeliz idéia, eu não sei até hoje de terceirizar as refeições, nessa época o Ataliba estava montando uma cozinha industrial que ficava lá perto da ponte do Tamarindo, a cozinha do SESI ainda estava em construção e acabamos fechando contrato com o Ataliba. Ali também teve umas passagens interessantes ou engraçadas, nós chegamos a vender 660 almoços naquele período, foi o recorde, me lembro disso como hoje, nunca mais foi vendido essa marca em toda história da FURB, eu me lembro teve um evento aqui na universidade e o pessoal almoçou tudo lá, foram 4 Kombis de comida que vieram só naquele dia, foi uma loucura, 660 refeições servidas num único dia, o pessoal acabou as refeições já passava das três da tarde. E isso que a cantina era a metade disso que existe hoje.

Nessa mesma época, me lembro de outro fato interessante do R.U., mas é engraçado, o professor Tafner em 81, pois ainda estamos em 1981, inicia a construção do Bloco G, se construiu a estrutura, o segundo andar, terceiro andar, colocam o madeiramento do telhado lá em cima e como é praxe nas construções, os pedreiros colocaram uma palmeira lá em cima que chamam de festa da cumeeira, é o significado que está pronta a armação do telhado, e o pessoal deseja festejar isso, com um churrasco, umas cervejas, isso é uma tradição do ramo, todo mundo faz isso, na construção de casas, com prédios, e o dono tem que ir lá e bancar um barrilzinho de chope e uma carne para o pessoal. O Prof. Tafner como era muito econômico, “muito mão fechada”, ele me procurou e falou: “os caras tão pedindo que eu faça um churrasco ali, o que tu acha Roberto?, Daí eu falo ao professor o que podemos fazer, eu pego o Paulinho fizemos uma churrasqueira de tijolos num canto, mandamos vir um barril de chope e alguns churrascos e fizemos a festa para eles! Não, não, não, isso não, isso não, porque hoje é Quarta-feira, e ai dois ou três dias eles não vem, e eu preciso desse prédio pronto pra agosto. Não!, tu faz o seguinte, tu gela umas duas caixas de cervejas e faz um papelão bem grande de cachorro quente e ai pelas cinco horas tu leva lá, Daí eu digo, mas professor Tafner, cachorro quente? Sim disse ele.....(risos) Daí olhei pro Paulinho e falei: vamos fazer NE?. Gelei duas caixas,

fiz um panelaço de cachorro, naquelas panelas de alumínio grande de 25 litros, lá pelas quatro e meia os pedreiros já tava tudo pronto esperando, eles fizeram uma mesa comprida bem bonita, com banco, pois naquela tarde eles não trabalharam, rrsrrsrs. Deu cinco e pouco, atravessei o pátio com uma caixa de cerveja, daquelas de madeira na época, bem pesada e os pedreiros já começaram a festa, ai vem eu e uma servente com um saco de pão , e o Paulinho segurando aquela grande panela de Cachorro Quente!, aí eu falei: “o Professor mandou trazer isso pra vocês, É cachorro-quente. Gente! Eles pegaram aquela panela de cachorro quente, jogaram em cima de mim e do Paulinho, nós saímos correndo la de dentro, vocês não imaginam como nós corremos, ele jogavam aquelas salsichas atrás de nós , nós saímos daquele pátio feito doido, hoje lembrando foi muito engraçado, mas o Prof. Tafner não deu churrasco pros caras. Olha essa ai nós rolávamos de tanto rir. Nós não fomos nem buscar a panela, deixamos lá, só pegamos no outro dia.....Mas é claro que o Tafner não tava na FURB neste horário. (risos)

Essa foi uma passagem engraçada: Pois a Cantina já dava lucro na época, fizemos vários investimentos, colocamos TV Colorida, música ambiente, enfim várias melhorias, e ai o Prof. Tafner faz algo que ficou na história da FURB, instituiu a Lei Seca. Porque os alunos começaram a tomar um pouco demais e entrar na sala um pouco “altos” e começaram incomodar os professores e assim foi instituída a Lei Seca na FURB. Proibida a bebida alcóolica em toda a FURB. Gente aquilo deu uma revolução por aqui e obviamente no nosso Caixa também, pois era o nosso maior faturamento na época. Isso nos causou muitos problemas, pois os revendedores de Cerveja, fazia a venda “casada” vendia a cerveja e o refrigerante ia de “carona”. Como paramos de vender cerveja, eles não queriam mais trazer somente o refrigerante, isso deu muita confusão pois de uma hora para outra, ficamos sem cerveja e por consequência, sem refrigerante.

Fiquei apavorado, e a solução veio através da distribuidora da Coca-Cola, que nessa época estava introduzindo as máquinas de refrigerante MIX, pois então até aquela data só se vendia refrigerante em garrafa, então fomos um dos primeiros bares de Blumenau a ter a máquina de refrigerante, o MIX, e a vender refrigerante em copo. Mas agora a cantina dava prejuízo, obviamente não tinha como dar lucro. Estávamos no final da gestão do professor Tafner, naquele ano ocorreu também eleições onde então foi vencedor o professor Arlindo com o professor Bráulio Maria Schloegel como vice.

Eu já conhecia o Prof. Bráulio Maria porque nós éramos meio vizinhos, aqui na Rua Joinville, e ele era o Diretor da Biblioteca, a Biblioteca era ainda lá no bloco A, onde é a Sala de Reuniões, e ocupava todo o segundo andar do Bloco A, onde hoje é o N.I..

E a Biblioteca na época tinha uns quatro retroprojetores, tinha um projetor de filmes de 16 milímetros e dois projetores opacos e um projetor de slides, me lembro como hoje. E a FURB estava respirando novos ares, o Prof. Arlindo veio com uma outra mentalidade e novas idéias para a então nossa Fundação Educacional, nessa época a Nessi assume a Vice-Direção da Biblioteca, e no início de 1982 o Prof. Bráulio me convida para conversar. Ele tinha ido a uma Universidade no Interior do Paraná, e visto um Setor que ele tinha a intenção de implantar na Biblioteca da FURB. E como eu conhecia equipamentos de projeção e sabia usar, me convidou a montar o Setor de Audiovisuais da Biblioteca da FURB. Eu até que, no primeiro momento fiquei meio assim, porque era um novo desafio, mas acabei aceitando. Para me auxiliar no novo Setor, ele transferiu o Jorge Holetz, que era bolsista da Biblioteca, e que também tinha grande afinidade com equipamentos de projeção, pois era filho do Herbert Holetz, gerente dos Cines Blumenau e Bush. E para tocar o Restaurante Universitário, sugeri na época o Darci Pandini, que era um dos nossos caixas, mas que era muito ativo. Com isso encerro minha passagem pelo Restaurante Universitário, foi apenas um ano, mas que com a experiência adquirida, valeu por 10 anos.

Aí fui transferido para a nova Seção de Audiovisuais da Biblioteca Central Martinho Cardoso da Veiga, recebi a portaria em fevereiro de 1982, como chefe da Seção de Audiovisuais.

No início a Seção se resumia a eu e o Jorge, e nós a entregar e retirar retroprojetores das salas de aula, nisso eu e o Jorge passamos a redimensionar as coisas, e como gostávamos de cinema começamos novamente as projeções de filmes na FURB, o Cine Clube da FURB, que já tivera várias iniciativas, mas que agora surge mais organizado, e gerenciado pela Biblioteca. As projeções eram no Auditório que era ali no 1. andar do Bloco B, e trazíamos inclusive filmes de circuito comercial como PAPANON, que foi um dos melhores que aqui passamos, Conseguíamos este filmes através do Sr Holetz, Pai do Jorge que era gerente do Cine Blumenau, pois nós íamos na distribuidora junto com o pai dele e pegávamos os filmes na bitola de 16 milímetros, que era a bitola da nossa máquina, na época só tínhamos uma máquina na bitola de 16 milímetros .

B.S.R.: O Cine Blumenau ficava onde?

R.B.D.: O Cine Blumenau, era aqui no começo da rua XV de Novembro, onde depois foi as Lojas Americanas e hoje está sendo reformado nem sei o que vai entrar. Aqui no começo da XV.

B.S.R.: Este Holetz é o mesmo do salão Holetz?

R.B.D.: Não, não. O Herbert Holetz é parente daquele Holetz que tinha o hotel Holetz onde hoje é Grande Hotel, são parentes distantes, bem distantes, são primos de 2.o grau, alguma coisa assim. O seu Herbert hoje administra os cinemas de Joinville, ele continua na mesma empresa que é a empresa Meridional de Lages...

B.S.R.: E não ia abrir o cinema dele no shopping da Hering, das Lojas Hering?

R.B.D.: Ia mas não chegou a decolar, passaram apenas um filme e depois fechou, é uma pena.

B.S.R.: Tá legal, mas aí vocês faziam essas sessões de cinema, que isso é uma outra coisa que é interessante mas eu só não queria perder essa questão do Holetz, por causa do salão Holetz que tem algumas coisas dos Holetz na cidade. E eu lido com essa questão dos espetáculos, dos espaços de lazer, divertimento, foi por isso que eu...

R.B.D.: O Jorge voltou com isso aí também. Mas voltando...

B.S.R.: Tá, vocês tinham o Cine Club, e como é que era feita a seleção desse material aqui na Furb?

R.B.D.: A seleção dos materiais era feito empiricamente, eu acho que esse é bom e vai esse mesmo. Era eu e o Jorge que fazíamos, nós íamos à distribuidora e buscávamos os filmes, obviamente de vez enquanto levávamos um puxão de orelha do professor Bráulio, por que nós trazíamos filmes meio impróprios, coisa que não podia passar, meio picante, os italianos tinham assim uns..., de vez enquanto nós trazíamos um brasileiro pornô, mas esses nós não anunciávamos, nós passávamos filmes de aventuras ou dramas como o Papilon ou um do Goethe Instituto, pois nessa mesma época fizemos convênios com o instituto Hans Staden de São Paulo, o instituto Goethe de São Paulo, com o consulado geral da França, com o consulado geral do Canadá, o USIS – United States Information Service, que era o Serviço de Informações dos Estados Unidos que tinha escritório em Florianópolis, mas logo no começo eles fecharam esse sistema de empréstimo de filmes, aí basicamente a nossa fonte era o Consulado Alemão, o Goethe Instituto, o Consulado da França, o do Canadá, mas destes últimos, só vinha curtas, os longas vinham mais do Canadá e da França.

Fizemos algumas sessões históricas, eu posso dizer que alguns filmes foram muito interessantes quanto a lotação da platéia, rsrsrsrs . Fazíamos cartazes chamando para as sessões e obviamente nunca lotava, teve sessões em que fazíamos só pra mim e pro Jorge, não vinha mais ninguém! Nessa mesma época, por termos conseguido mais público em nossas sessões, convencemos o professor Bráulio a comprar um segundo projetor de filmes em 16mm, daí nos chegou uma IEC

T25, uma máquina muito boa, daí reformamos a nossa máquina velha que era com amplificador valvulado, e colocamos um amplificador transistorizado pois dava um som melhor, daí eu fiz uma adaptação no equipamento de som do anfiteatro, e com isso o som dos filmes passava pelo sistema de som do Anfiteatro o que foi um grande ganho de qualidade em nossas sessões. Nessa época trouxemos do Goethe Institut o filme Heimat – Terra Natal, é um filme que conta a trajetória de uma família por três gerações, mas a parte interessante é que o filme tinha 15 horas e 45 minutos de duração, ...nós fizemos sessões de três dias, três noites de cinco horas e pouco, nós começávamos as 19 horas e tocava até terminar. Muito legal, pena que com pouco público. Nessa época já tinha sido reformado, isso foi com certeza depois da enchente de 1983, porque até a enchente de 1983 o nosso C.P.D. (Centro de Processamento de Dados), hoje N.I. (Núcleo de Informática), era lá em baixo no bloco E (aquele de um andar só), onde era para ser os Laboratórios de Anatomia, do primeiro projeto do Curso de medicina da FURB, e que com a enchente perdeu-se todo o nosso equipamento de Informática, pelo menos as instalações, pois alguns equipamentos foram retirados, aliás eu tenho até uma passagem interessante da enchente, posso daqui a pouquinho voltar pra ela, porque é bem interessante.

B.S.R.: Vocês trabalharam na enchente?.

R.B.D.: Exatamente, na realidade nós ficamos em quatro pessoas na FURB, chegamos a passar fome, por isso que daqui a pouco vou voltar a esse assunto da enchente porque ela é interessante. Na época o Reitor era o Prof. Arlindo, e após a enchente ele reformou todo aquele prédio, ocupando as antigas instalações do C.P.D, e aproveitando uma das máquinas de Ar-condicionado do antigo CPD, o nosso auditório passou a ter Ar-condicionado, um luxo para a época, isso que era uma Auditório com uma coluna no meio, mas essa não deu para tirar na reforma, rrsrrsrrsrs.

Mas o que nunca saiu daquele Anfiteatro era aquele cheiro de enchente. Alguns anos depois eu descobri o porquê, mas não tinha nem como tentar consertar. É que na verdade aquela área

tinha sido construída para ser o Laboratório de Anatomia e abaixo do piso existe toda uma instalação hidráulica de canos e esgoto, que já tinha sido montada para o Laboratório e que posteriormente foi coberta para a instalação do C.P.D. e com a enchente isso encheu tudo com água e essa água apodreceu lá dentro. E como o Anfiteatro é um ambiente fechado, não tem janelas isso ficou lá dentro e até hoje tem um cheiro de podre,rsrsrsr

Nesse Anfiteatro nós montamos uma cabine de cinema, essa cabine, acho que existe até hoje, era no canto direito, a primeira foi feita daquele revestimento acústico de papelão, pregado com sarrafos, e quando veio a enchente de 1984 que acabou com tudo, e daí foi feita uma de alvenaria, essa existe até hoje, onde ficava as máquinas projetoras e aí nós já tínhamos colocado um som novo, quer dizer era um som bom mesmo, Essa foi a época de “ouro” da Seção de Audiovisuais, em que eu fiquei 10 anos, de 1982 a 1992, exatamente, como chefe.

E a Seção que começou comigo e o Jorge, em que fazíamos os três turnos, cresceu, o primeiro a vir foi Marco Aurélio Wurst Correia de Lyra, que era um aluno da Engenharia Civil, pois nessa época passamos a fazer também os cartazes na FURB, coisa até impossível de se imaginar hoje em dia, mas na época não existia equipamentos de informática como conhecemos hoje, nós fazíamos os cartazes com normógrafo e pena nanquim, tudo desenhado sobre cartolina, no início isso era feito na Divisão de Cultura, que era só uma pessoa, rrsrs, a Teresinha Heimann, mas com a criação da Seção de Audiovisuais, o Prof. Bráulio resolve juntar isso tudo num lugar só, nessa época foi adquirida uma prancheta de desenho, contratamos esse rapaz que fazia Engenharia Civil e que já tinha passado pelas disciplinas de desenho e dessa forma fazíamos todos os cartazes da FURB. De vestibular, identificação de provas, de eventos enfim fazíamos todos os cartazes da FURB.

Nessa época também foi acrescentado ao Audiovisuais o Arquivo Fotográfico da FURB, que inicialmente foi montado pela Teresinha Heimann da Divisão de Cultura, mas o arquivamento era de uma forma muito primária. Ela pegava todas as fotos e colava numa folha de cartolina e

batia a máquina as informações, mas era informações muito incompletas, com poucos dados, não dizia quem estava nas fotos, não tinha data, pois no início da FURB, depois eu vim descobrir isso, todas as fotos foram batidas por apenas dois fotógrafos de Blumenau, Marek Neuwin e o foto Hélio. Tanto que anos depois eu fui atrás do Marek, quando assumi o arquivo fotográfico e tentei adquirir os negativos dessas fotos, e o Marek disse que venderia esses negativos para a FURB, pois ele tinha todos os negativos numa caixa, numa forma terrível de acondicionamento, mas ele tinha todos os negativo guardados até hoje.

B.S.R.: Será que a gente conseguia uma doação dele a nível não feito já, mas depois da morte?

R.B.D.: Talvez, mas eu acho que daí seja... tenha sido perdido, porque os negativos estão sem tratamento, naquela época eu já vi que estavam colando no saco protetor, estavam começando a perder. Eu acho que isso deveria ser retomado, pois ele tem umas duas caixas de sapato cheias, só de negativos da FURB. Noventa por cento daquelas fotos o fotografo é o Marek, e ele tem os negativos, e nós teríamos que resgatar esses negativos. Ainda estão com ele, pois ele tentou vender e eu tentei comprar isso várias vezes mas o Prof. Arlindo na época, estava construindo a Biblioteca da FURB e estávamos passando por graves problemas financeiros.

B.S.R.: E sabe quanto que ele queria em dólar assim na época?

R.B.D.: Não era nem cem dólares, não era muito. Na realidade custava o preço de uma máquina simples, não era uma máquina muito cara, uma mono-reflex... mas ele precisava do dinheiro e ele dava os negativos em troca disso. Ele até perguntou na época se a FURB não podia importar uma máquina, pois na época era proibido as importações, e ele trocava pelos negativos, até a gente chegou a conversar com o Prof. Arlindo, mas ele nunca concordou com isso. Então acabou ficando esse material perdido com ele mas eu acho importante nós resgatarmos, nós temos a inauguração desses blocos aqui, a Vera Fischer cortando a fita, existe essa foto, a Vera Fischer cortando a fita inaugural no Bloco A, tem os prefeitos da época, a maioria já falecidos nessa foto, a foto é muito fantástica, eu tenho ela ampliada naquela

coleção, eu inclusive refotografei e refiz o negativo, aquele negativo é negativo de cópia, não tem qualidade de original. Inclusive porque o Marek em muitos casos usou uma máquina de médio formato, e tem também todas as fotos aéreas da FURB que foram feitas pelo Marek, que era especialista nisso . Ele pegava um avião com o Alex Budag e fotografava e ele sempre fazia uma fotozinha aqui e vendia . então todas fotos aéreas que tem, inclusive essa aqui* , essa aqui deixa eu ver é dele também, só tem uma série de fotos que eu fiz depois com um ultraleve, mas era com uma máquina bem antiga que eu até reconheço essas fotos se eu achar, ainda tem umas perdidas ai. (Nota do autor na revisão: Esses negativos nunca foram adquiridos e foram posteriormente destruídos pelo próprio Marek).

.....

*. O entrevistado está se referindo a um quadro com uma foto aérea que está na sala dele.

E assim foi criado o nosso arquivo fotográfico, que inicialmente estava com a Teresinha no departamento de cultura, pois foi ela quem primeiro coletou, começou a juntar essas fotos, esse mérito é dela, apesar dela ter feito de uma forma bem primária a catalogação, inclusive existem umas pastas suspensas até hoje encapadas com pano por dentro para as fotos não caírem, isso foi ela que fez, então tem que se guardar, pois é idéia dela.

Na realidade esse arquivo fotográfico foi inicialmente para a Assessoria de Imprensa, recém criada e comandada pela Maristela Deschamps, nossa primeira Assessora de Imprensa da FURB e como ela sabia que a gente batia fotos (eu e o Jorge) e o Audiovisual que era ali perto da Biblioteca, no Bloco Z, a Maristela conseguiu uma verba com o Prof. Bráulio e mandou comprar então, uma máquina fotográfica profissional, onde compramos então a nossa primeira Olympus OM-N1, essa máquina existe até hoje aqui no arquivo, do nosso Estúdio Fotográfico e os alunos trabalham com ela até hoje. Ela está um pouco moída, mas ainda funciona, é uma máquina muito boa, é uma máquina mono-reflex com lente intercambiável, só que nós não tínhamos lentes para trocar.

Depois de muito tempo e conversa nós conseguimos comprar uma lente grande angularporque foi bem nessa época, engraçado isso aí! porque espaço físico sempre era uma coisa complicada aqui na FURB, apareceram nessa época as divisórias leves, em todos os setores da FURB começaram a aparecer essas divisórias, apareceram divisórias até nos corredores, foi aí que nós começamos a avançar para dentro dos corredores, acabou virando escritório do Prof. Rivadávia, as chefias de Departamento começaram a ganhar salas, Diretórios Acadêmicos começaram a ganhar espaço. E invariavelmente nós tínhamos que fazer alguma foto para Assessoria de Imprensa, aí nós íamos lá com a nossa máquina com lente 50 milímetros, não dava para enquadrar todo aquele “grande setor”, foi aí que de tanto nós solicitarmos que ganhamos uma lente grande angular de 28 milímetros. A própria sala da Reitoria era pequena, e não dava pra bater uma foto decente, o Prof. Arlindo gostava muito de receber autoridades, e todo mundo que vinha para a FURB, ele mandava nos chamar e bater uma foto. Tanto que o nosso maior período de produção fotográfica é na gestão do Prof. Arlindo Bernard. Tudo que acontecia na FURB, ele mandava registrar fotograficamente, ele não mandava economizar filmes, tanto que o volume de filmes batidos tornou tão grande que eu tive a idéia de montar um Laboratório de Revelação e Ampliação Fotográfico, como não tinha onde montar, montamos dentro da Seção de Audiovisual, ali tinha espaço, a sala era grande e assim montamos um laboratório fotográfico, eu já sabia um pouco de revelação mas aí fiz um cursinho rápido lá no Foto Dietz, com o Dieter Schroeder, e em contra partida ele fornecia o papel fotográfico e me auxiliava nas revelações, e eu acabei fazendo um curso de Laboratorista onde aprendi revelar e ampliar filmes e fotografias e acabamos com uma produção muito grande. Tanto que nessa época, eu e o Jorge passamos a ser os fotógrafos oficiais da FURB, Com esse volume de fotos o nosso arquivo começou a crescer muito, pois não dava nem para processar, nós íamos só jogando dentro de pastas e colocávamos o título do evento e aquilo deu um volume muito grande e aí a Maristela, nossa Assessora de Imprensa,

queria de livrar daquilo e não tinha onde botar, eu acabei aceitando aquela coleção de fotos e negativos, acho que na época eram cinco arquivos de pastas suspensas, era muita coisa.

Daí como o Arquivo Fotográfico passou a ser minha responsabilidade, nós produzíamos as fotos, da assessoria de imprensa e da reitoria, as fotos para o meu Setor e eu também tinha que guardar elas, lá pelas tantas eles vinham e pediam determinada foto e como nós não tínhamos nenhum sistema de recuperação, pois nós íamos por “achologia” e levava muito tempo pra achar uma foto lá dentro, pois nós jurávamos que estava lá dentro, e não estava mais, já tinha emprestado pra alguém, não existia controle, não existia nada, era...

Aí eu fiquei chateado, pois a coisa sempre sobrava para mim, pois eu era o responsável, eu tinha que recuperar aquelas fotos, e o que fazer? A sorte que o Prof. Bráulio era um cara que tinha uma visão incrível para isso aí, ele sempre me ajudou nisso e eu devo muito ao Prof. Bráulio. Em conversas com ele, ele me orientou a ver como é que funciona em outros lugares, vai dar uma olhada. Aí eu fui no Jornal de Santa Catarina ver como eles arquivavam as fotografias. O Jornal de Santa Catarina guardava, ou processava as fotos e os negativos, nessa época por um sistema simples. Aí eu não gostei do sistema, eu achei o sistema muito amadorístico, falei com o Prof. Bráulio, tá um pouquinho melhor que o nosso, mas funciona, mas funciona porque tá na cabeça de uma pessoa, por isso que funciona, não está bem documentado, não é o melhor sistema. Nessa ficamos pensando em um grande centro e uma grande Editora, onde acabei indo a São Paulo conhecer o Arquivo Fotográfico da Editora Abril, onde conheci uma pessoa fantástica lá, a Olga Barreto. A Olga Barreto era a Chefe do Arquivo Fotográfico da Abril, na época ela já tinha um computador do tipo “Mainframe” (não existia os PCs na época) só para tocar o arquivo fotográfico da revista, onde já testava escaneamento de fotografias, era equipamento da IBM, caríssimo, mas eles já estavam com testando a tecnologia de escâner e digitalizar fotos e negativos.

B.S.R.: Era 1985!

R.B.D.: É foi bem essa época, voltei de lá horrorizado. Os caras tinham acesso a uma tecnologia incrível para a época, a Editora Abril era um prédio enorme e dois ou três andares na época eram do arquivo fotográfico. Eles trabalhavam com muito cromo (os diapositivos ou slides) na produção das revistas, eles tinham a produção própria e ele compravam das agencias internacionais e também tinham os fotógrafos free-lancers, que produziam muito material para a Editora. A Olga Barreto me mostrou todo esse programa, como é que funciona como funciona o controle, como funciona o processamento de fotos, eu ainda trouxe os formulários de processamento fotográfico, eu copiei tudo. Fiquei uma semana lá com eles e aprendi muita coisa.

Aí nós começamos a introduzir algumas coisas e as coisas começaram a melhorar, mas ainda não era aquelas coisas, nós estávamos sozinhos, nós éramos em quatro, pra tocar, levar os retroprojetor, botar tela nas salas de aula, bater foto, revelar as fotos, cuidar do arquivo, e fazer cartazes, nós fazíamos tudo isso. Aí a coisa começo a ficar meio apertada.

Nessa época nós começamos a ver que o nosso processo de revelação e fixação não era muito bom pois tinha alguma coisa acontecendo com os nossos negativos que estavam cristalizando, as nossas fotos começaram a manchar, pois tinha alguma coisa errada com os nossos processos químicos, que eram um horror. Claro, pegava água da torneira, não filtrava, não deionizava, não... tinha nada. E daí o Prof. Bráulio mais uma vez mandou me fazer um curso na FUNART no Rio de Janeiro, com o Sérgio Burgi, que era uma das maiores autoridades em conservação de fotografia no Brasil, foi, não sei se ainda é, mas o cara era fantástico. Eu fiquei um mês com eles aprendendo todo processo, desde a captura, vendo ele fazer fotos, revelar os negativos, como revelar e conservar, os processos químicos, aí que eu me toquei que a água tinha que estar a 20 graus, não podia ser nem 18 nem 24, da forma como nós trabalhamos era uma

loucura, não tinha controle de água nem nada. Nós mal e mal fazíamos um banho-maria quando a água tava muito fria, a coisa não vinha, nós perdíamos fotos porque o processo era muito rápido, nós não sabíamos os procedimentos da fotografia, aquele da lavagem entre os químicos, e eu aprendi muito nessas coisas fazendo curso, a FURB sempre investiu em mim para fazer esse tipo de coisa. Aí eu voltei e nós remodelamos o Laboratório, o Laboratório era com divisória de papelão, nós fizemos um de alvenaria, ainda deve estar lá, no Bloco Z, fizemos um laboratório novo, tínhamos recebido uma geladeira pra guardar os químicos, gelar a água, tínhamos até um “rabo quente” pra esquentar água no inverno, nós tínhamos tanque de alvenaria, que antes era só em bacias, era um tanque bom de cimento, um tempo fantástico.

Mas ainda tínhamos o problema que continuou faltando mão de obra, daí eu fui ao Jornal de Santa Catarina conversar com a moça que me atendeu lá naquela vez, muito querida, muito simpática, que tinha me explicado como funcionava e lá fui conversar com ela, ela se chama Nair Koch, ela era responsável pela classificação e o arquivo do jornal de Santa Catarina, ela trabalhava 6 horas lá e eu ofereci pra ela trabalhar 4 horas aqui com a gente, pra começar a montar o nosso arquivo. Pois no período das enchentes de 1983 e 1984 tivemos uma grande produção de material fotográfico, e era necessário catalogar tudo aquilo. Era realmente muita foto e negativo para processar. Como a Nair tinha formação em Biblioteconomia, mas não tinha nenhuma especialização em fotografias, juntamos o nosso conhecimento e montamos o primeiro Arquivo Fotográfico da FURB organizado.

B.S.R.: Mas não é a mesma Nair da biblioteca?

R.B.D.: A própria.

Nessa época tivemos na FURB as eleições para a nova gestão da Reitoria e o Dr. Arlindo Bernard, tentou uma reeleição, foi a época da transformação da FURB em Universidade, aí as datas das posses não coincidiram, onde surgiu um Reitor interino, que era o professor Gentil Telles, nesta eleição, o professor Tafner vence a eleição como reitor pela segunda vez . Pra

mim não mudou muita coisa porque eu já tinha trabalhado com o Prof. Tafner na gestão anterior, Nessa transição o Jorge Holetz que não gostava do Prof. Tafner pediu demissão, e a saída do Jorge foi um choque muito grande, porque sempre tinha sido o meu braço direito, foi com ele que criamos a Seção de Audiovisuais.

A Nair fez desse Arquivo fotográfico a vida dela.....!

B.S.R.: Antes da gente entrar nisso vamos tomar um café?

R.B.D.: Rsrrsrsr, O café da FURB nunca foi bom, e nunca descobriram porque o café da FURB é ruim. Nos anos 70 existia uma piada: Obviamente veio a gozação que a gente não sabe de onde que veio, mas corria nos corredores: Que o café da FURB era ruim porque a dona Olanda e a dona Tina pegavam as meias velhas do Prof. Tafner, e as usavam como saco de coador, (quanta maldade), rsrsrsrsrr

B.S.R.: Nós entrevistamos elas, a dona Tina e a dona Landa e tudo que elas puderam inventar na vida pra fazer um café melhor

R.B.D.: É o café da FURB nunca prestou, nunca gente, foi ruim igual como sempre, e tem um detalhe ele é igual, ele não muda, ele não é menos ruim ou mais bom, quer dizer nunca foi bom, ele sempre tá ali, ele tem essa característica, eu estou aqui 21 anos e se eu tomar hoje eu me lembro do primeiro café que eu tomei na FURB, tem exatamente o mesmo gosto. Talvez seja porque são só duas que fazem isso até hoje, elas lá em baixo, mas aí a grande curiosidade, hoje o café aqui de cima não é elas que fazem e tem exatamente o mesmo gosto, é inacreditável, café é uma coisa muito triste.

Em 1984 nós criamos a ASEF – Associação dos Servidores da FURB, eu era membro da primeira Diretoria, inclusive vou ser homenageado amanhã , membro da primeira chapa do professor Lourival Krieger, que era o presidente, essa era uma condição que nos foi feita, pois

a associação só iria ser criada se o presidente fosse um professor não podia ser um servidor Técnico Administrativo...

B.S.R.: Isso exigido por quem?

R.B.D.: Pelos professores, obviamente né, pela reitoria, indiretamente ela mandou dizer... isso em 1984, é e nós recebemos um aviso que era bom que a associação tivesse um professor como presidente então ela foi criada, onde conseguimos que o João Schiochet foi como vice, representando os funcionários e o presidente acabou sendo mesmo um professor...

Com o passar dos anos e a pressão dos funcionários, conseguimos mudar o Estatuto da ASEF e colocamos um funcionário na presidência, os professores não gostaram disso, e saíram da ASEF e criaram a sua própria associação, a APROF, detalhe interessante: a ASEF pode ter na sua Diretoria tanto Professores com Técnicos Administrativos, mas a APROF não pode ter funcionários nem como sócios???? Por que será????? E eles afirmam até hoje que não existe distinção de classes na FURB, rrsrrsrrsrrsrr

Voltando aos Audiovisuais da Biblioteca, na gestão do professor Celso, bem no início, o Setor de Audiovisuais foi transferido para o bloco F, onde ele é hoje, inclusive nós tínhamos as duas salas nos fundos do bloco F, no segundo andar, uma para o Setor propriamente e outra para uma Sala de Vídeo e apresentações. No novo Setor também ganhamos um novo Laboratório Fotográfico (a câmera escura – p/ revelações e ampliações de fotos), construída em alvenaria e com melhores instalações hidráulicas. Naquela época os Audiovisuais ainda eram responsáveis pela produção de cartazes de divulgação de eventos da FURB, e com isso contratamos mais um desenhista que a Márcia já tinha saído, então contratamos o Rubens Belli, o Belli era um rapaz bem novinho, irmão da Regina Belli, que trabalha no Setor Financeiro, a Regina veio conversar comigo, dizendo que ela tinha um irmão que desenhava muito bem, onde um dia eu pedi para o Belli vir aqui, ele tinha uns desenhos dos irmãos Metralha, Pato Donald, muito

bons, gostei muito do rapaz, ele era novinho, acho que ele tinha uns 16, 17 anos e aí contratamos o Belli pra trabalhar na Seção de Desenho em substituição a Márcia, logo depois como o Belli era muito bom, e com isso o nosso serviço aumentou bastante, precisamos trazer mais um desenhista, onde fui buscar o Gilberto, o Gilberto Cristóvão, que também era um bom desenhista, filho do Ezair Cristóvão, que era nosso encadernador aqui na nossa Biblioteca, ele trabalhava na Encadernação junto com o Pai Esair, mas não gostava daquele trabalho na Encadernação, e nas horas de folga na encadernação ele ficava desenhando, eu botei o olho nas figuras e disse: eu vou buscar o Gilberto pra trabalhar comigo. Então com isso tínhamos dois desenhistas, que era o Belli, o Belli, eu acho que agora até já saiu da Furb, e o Gilberto que está até hoje ainda. Quem montou a seção de desenho fui eu, eu com eles compramos novos equipamentos, um Tecnógrafo, régua paralelas, um aerógrafo, enfim, eles estavam bem equipados para a época. Essa seção com os dois desenhistas, foram posteriormente absorvidos pela Comark – Coordenação de Marketing da FURB. Naquela época os Audiovisuais cuidavam do Arquivo Fotográfico, do empréstimo de equipamentos para uso em Sala de Aula, das agendas dos Auditórios, bem como sua sonorização e em eventos, e do Material Especial da Biblioteca.

Nessa época surge um fato interessante, para não dizer curioso: O Vídeo na FURB.

Aqui entra a figura do Prof. Lourival Beckhauser, Pai do Curso de Educação Física da FURB, ele trouxe o primeiro videocassete. Ele que comprou para uso particular, foi o primeiro professor a ter um videocassete na Furb, aí trouxe o videocassete pras aulas e logo em seguida ele comprou também a primeira câmera de vídeo. Como eu já gostava de TV e Vídeo, e conhecia um pouco sobre equipamentos profissionais de vídeo, = aliás depois eu vou falar da Produtora, a primeira produtora de audiovisuais e depois vídeo, também surgiu no Setor de Audiovisuais, ainda na época do Prof. Arlindo = Aí o Beckhauser trouxe o vídeo e tudo mais, onde eu tive contato com esse mundo fantástico era o vídeo, já o conhecia desde 1979, mas não

o vídeo cassete, eu conhecia o Vídeo Tape profissional, que eram as fitas de vídeo em carretéis abertos, parecidos como as fitas de áudio em rolo, só bem maiores e mais caras, rrsrrsrum Depois que apareceram as primeiras encapsuladas em cassetes, as U-Matic

Mas o formato que o Beckauser trouxe era em Betamax, uma novidade no Brasil e o primeiro formato para uso doméstico utilizado no Brasil, caríssimo, na época se comprava um carro com o valor de um gravador de videocassete doméstico. me lembro bem um Monza da GM se comprava com o preço de um vídeo cassete, era o mesmo valor!

Nessa época também foi lançado no Brasil o formato VHS de videocassete e que acabou se popularizando, pois era mais barato. Nessa época, depois de muita conversa a FURB comprou o seu primeiro Videocassete, era um PHILCO PB 2000, (existe até hoje, está no C.M.U. da Biblioteca) Aquilo foi uma loucura! nós o cuidávamos com um carinho, nós tínhamos apenas uma fita de vídeo virgem, e com esse vídeo eu me lembro que na época veio uma fita de propaganda que era de divulgação do equipamento, era “Os Melhores Momentos da Seleção” desde não sei quando, até 1984, essa fita existe até hoje e está no acervo da biblioteca.

Essa fita, junto com a televisão (também a primeira da FURB), nós passamos na Furb inteira durante meses, todo mundo queria ver aquela fita dos jogos em videocassete, era uma novidade na época, ninguém conhecia isso. Era fantástico, podia dar Pausa, podia voltar a fita pra ver o jogo de novo, gente, isso era o início na Furb, aquilo não parava, passou a ser nosso equipamento mais utilizado, e nós cuidávamos dele com o maior carinho.

Aí aconteceu um fato interessantíssimo, nós compramos um móvel em madeira tipo balcão c/ rodízios, onde se colocava a televisão em cima, tínhamos uma TV de 20 polegadas, quadradona, linda, bonita, da SCHARP, e o vídeo ia numa prateleira abaixo da TV, falávamos que não podíamos levar o equipamento para a sala de aula porque ele é muito delicado, caríssimo, então foi adaptada aquela sala ao lado da sala dos Audiovisuais, ainda no bloco Z, e acabou sendo a nossa primeira “Sala de Vídeo”. Então o professor reservava o equipamento,

nós pegávamos o vídeo e a TV naquela mesinha com rodinhas e saíamos empurrando ali da sala do Audiovisual, ainda no Z e levava até a Sala de Vídeo, e quando o pessoal vinha, ligávamos o equipamento, o professor quando queria uma pausa no vídeo, chamava nós, rrsrsrsrs.

Lá nós íamos dar a Pausa, o professor não podia mexer no vídeo, ele sempre chamava o operador lá do Audiovisual, nem na fita pegava... nós é que pegávamos a fita e colocávamos no VT. Aí nós também gravávamos todos os Globo Repórter, todas as Sexta-feiras, uma das nossas atividades era gravar o Globo Repórter, na época como não tinha um segundo gravador de VHS gravava-se com um operador junto ao vídeo dando as Pausas nos intervalos. Isso é impensável nos dias de hoje, rrsrsrsrs

CONTINUA NA SEGUNDA ENTREVISTA REALIZADA EM 27/09/1999.